

PREFÁCIO À 3ª EDIÇÃO

A reedição de uma obra é sempre sinal inequívoco do seu sucesso. Eis o que também se verifica com este trabalho que primeiramente se apresentou ao público como “A ética no cuidar do doente em fase terminal” e hoje se anuncia como *Cuidar a pessoa em fase terminal: perspectiva ética*, numa ênfase intencionalmente colocada agora no “cuidar”, essência da formação de base da autora – a enfermagem –, mas sempre subordinado ao escrutínio da ética, área em que a autora desenvolveu a sua formação pós-graduada. Aliás, a simples formulação do título, afirma já a tese ampla e decisiva que perpassa toda a obra: o cuidar, seja o cuidar da enfermagem ou do profissional de saúde em geral, seja especificamente o cuidar da pessoa em fase terminal ou de qualquer pessoa carente, não se esgota na atenção exclusiva à sua dimensão física ou à sua dimensão psíquica, ou a ambas em simultâneo, ou mesmo à sua pluridimensionalidade bio-psico-social, ou ainda bio-psico-social, cultural e espiritual. A pessoa não se esgota em qualquer somatório, por mais alargado e diversificado que este seja; a pessoa não se reduz a qualquer objectividade por mais completa e rigorosa que esta seja; e a ética exprime precisamente a inquietude e a solicitude de atender a esta unicidade singular e irrepetível que é a pessoa, que é cada pessoa.

Reflectir sobre o “cuidar” sob uma perspectiva ética é pois assumir o compromisso de ultrapassar o óbvio ou o estabelecido para os cuidadores, é abrir-se e tornar-se receptivo às necessidades de quem é cuidado, mas não deixando de atender a quem cuida, familiares ou profissionais de saúde, na partilha de uma finalidade comum: o bem-estar holístico da pessoa. Com efeito, o cuidar não é um desígnio unívoco: se envolve obrigatoriamente a pessoa-sujeito de cuidados (que jamais pode ser reduzida a objecto do cuidado de outrem), não pode deixar de envolver também os que cuidam e que são não só os diferentes profissionais de saúde, de acordo com as necessidades em presença, mas também os vários familiares que se relacionam diferentemente com a pessoa carente.

Eis por que *Cuidar a pessoa em fase terminal: perspectiva ética* é uma obra que, pela sua temática e pelo ângulo de reflexão privilegiado, se mantém não só actual mas cada vez mais necessária. Aliás, a incidência da autora na especificidade do cuidar dirigido especificamente à pessoa que se encontra na fase terminal do seu ciclo vital acrescenta pertinência à sua reflexão.

Hoje, mais do que ontem, a morte é um processo que se pode prolongar consideravelmente no tempo, mercê dos revolucionários progressos biomédicos das últimas largas décadas. Com efeito, após o anúncio da iminência da morte, em que a medicina reconhece não dispor de meios para restaurar a saúde daquela pessoa, há ainda um percurso de vida que pode ser mais ou menos longo. Este dilatar do tempo de vida no processo de morte tanto pode corresponder a um ganho de dias, de semanas, de meses para um projecto pessoal que permanece inacabado, como à intensificação de um sofrimento físico, psicológico, emocional que dificilmente encontra alívio. Todas as situações de morte anunciada carecem de acompanhamento e de apoio específicos, mas é certamente a segunda que apresenta o maior desafio no restabelecimento do bem-estar. E, assim sendo, se torna mais exigente na mobilização de saberes e vontades, de uma equipa pluridisciplinar de profissionais de saúde e de familiares e amigos que se relacionem afectivamente com a pessoa doente, bem como desta mesma à medida das suas possibilidades e desejos. E eis do que trata *Cuidar a pessoa em fase terminal: perspectiva ética*, do que importa conhecer, do que urge fazer, do que se experiencia sentir em relação à pessoa em fase terminal, das necessidades desta e das suas expectativas, da dignidade que lhe assiste em todos os instantes da sua vida e do respeito pelo corpo de que a vida se retirou.

Nesta 3ª edição, a autora actualizou o texto, ligeiramente, no que se refere à sua estrutura, mas também a alguns dos seus conteúdos e bibliografia, sobretudo no que toca à realidade portuguesa em que particularmente os cuidados paliativos se desenvolveram significativamente, de forma a responder de forma mais adequada à problemática que privilegiou tal como hoje se coloca para muitos e amanhã para mais ainda.

M. Patrão Neves

31/12/2013